

**Identidade e Auto-Estima:  
O Entrelaçamento Possível à Educação da Pós-Modernidade**

**Leila Dupret<sup>1</sup>**

**Resumo**

O desafio posto pela Pós-Modernidade à Educação, exigiu alternativas de respostas possíveis e pertinentes ao contexto sócio-histórico em questão. Dentre elas, destacamos as que poderiam estar vinculadas à auto-estima. Esta, sendo vista como um dos recursos participantes na construção do sujeito, passou a merecer atenção dos educadores implicados no processo de aprender e preocupados com desenvolvimento humano.

Mas, para podermos abordar o entrelaçamento da auto-estima com a identidade como uma opção válida para a Educação, é necessário, por uma lado, percorrermos o caminho seguido pelas “noções de sujeito” ao longo da história das ciências e suas respectivas considerações em termos filosóficos, pois elas são as referências para o entendimento das próprias definições de identidade. Por outro lado, esclarecer possíveis interferências da auto-estima no processo de aprender e sua importância nas práticas educativas.

**ABSTRACT**

The challenge imposed by the post-modernity to Education demanded alternatives of possible answers and pertinent to the socio-historical context. Among them, we detached the ones that could be linked to self-esteem. Self-esteem being seen as one of the participant resources in the subject construction, it started to deserve the educators' attention implicated in the process of learning and concerned with human development.

But the way we could approach the interlacement of self-esteem with identity as a valid option for Education is to travel the road followed by “subject's notions” along the history of the sciences and their respective considerations in philosophical terms, because they are the references for the understanding of the own identity definitions and on the other hand, to explain possible interferences of the self-esteem in the process of learning and their importance in the educative practices.

---

<sup>1</sup> *Doutora em Psicologia , Prof<sup>a</sup>. Adjunta da Universidade Estácio de Sá e Faculdades Integradas Maria Thereza, Presidente da Comissão de Educação do Conselho Regional de Psicologia CRP-05.*

O final do século XX trouxe algumas interrogações que despertaram a necessidade de se buscar outros caminhos para atender demandas relativas a transformação de &tos em fenômenos psicológicos de cunho sócio-antropológico. Dentre eles, como um primeiro tópico a ser abordado, destacamos a ocorrência de situações historicamente reconhecidas e suas implicações na construção da Identidade.

Em seguida, para o desafio posto pela Pós-Modernidade à Educação, uma possível alternativa de resposta poderia estar vinculada à auto-estima. Esta, sendo vista como um dos recursos participantes na construção do sujeito, merece atenção dos educadores que estão implicados no processo de aprender e preocupados com desenvolvimento humano.

Para podermos abordar o entrelaçamento da identidade com a auto-estima como uma opção válida para a Educação, é necessário, por uma lado, percorrermos o caminho seguido pelas “noções de sujeito” ao longo da história das ciências e suas respectivas considerações em termos filosóficos, pois elas são as referências para o entendimento das próprias definições de identidade. Por outro, esclarecer possíveis interferências da auto-estima no processo de aprender e sua importância nas práticas educativas.

### **Situações históricas e suas implicações**

Não desconsiderando estudos anteriores, nosso ponto de partida é o “Sujeito do Iluminismo”, Sustentado pela Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin, o homem é definido como animal racional e se distingue dos outros animais por sua condição de pensar. “Penso, logo existo” foi a máxima trazida por René Descartes para selar o lugar do homem como o centro de todas as coisas e sua razão o elemento fundamental para trazer à luz, iluminar o Universo que ele pensava poder dominar.

Embora algumas teorias pennaneçam admitindo esta concepção de sujeito, a própria História já apontou situações fctuais que questionaram tal perspectiva, deslocando a noção de sujeito do foco completamente individual.

O pensamento de Karl Marx baseado na teoria sobre o Capital, enfttizou as

relações sociais como o núcleo formador de identidades de classes; a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud marcou a presença do desejo em nossa estrutura psíquica, destituindo o poder da razão; o estudo de lingüística de Ferdinand de Saussure demonstrou que a produção dos significados da língua está vinculado ao sistema cultural; o “poder disciplinar” discutido por Michel Foucault, demonstrou a necessidade de regulamentar e vigiar a vida humana, expandindo o exercício do controle social; o impacto do movimento feminista, ampliou a contestação política à outras áreas, tais como a família, a sexualidade, a dupla jornada de trabalho, a divisão do trabalho doméstico por homens e mulheres, a dupla responsabilidade no cuidado e educação dos filhos. Em resumo, estes avanços nas ciências humanas que marcaram a modernidade, contribuíram para o descentramento do “sujeito cartesiano”, levantando questionamentos importantes, trazidos de diferentes campos de investigação, que chamam a atenção para o “sujeito social”, o “sujeito do desejo”, o “sujeito da linguagem”, “sujeito do controle”, o “sujeito político”, respectivamente. Estas contribuições precisam ser lembradas, porque despertaram novos olhares acerca dos estudos sobre identidade, que acabam desembocando no “sujeito fragmentado” da pós-modernidade.

### **Globalização e seu impacto sobre a identidade cultural**

Um outro aspecto que não pode ser desprezado na construção da identidade é o fenômeno da Globalização.

*(...) a “globalização” se refere aqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectada. A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica de “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço”.*

*(Hall, 1977, p. 71)*

Ao comentar as idéias de McGrew (1992) e Giddens (1990), Hall (1997) nos

faz refletir sobre alguns tópicos importantes para a Educação, isto porque ela não pode ser vista desvinculada dos contextos sócio-históricos nos quais está inserida, e a Globalização é uma realidade vivida por todos nós. Assim, partindo da visão positiva de novas concepções sobre a relação espaço-tempo, não mais aprisionada a critérios de medida apenas, isto é, tendo como referência os objetos do mundo físico; mas ampliada aos campos do “não mensurável”, ou seja, entendida também como a noção “posição-valor” que rege os fenômenos psicológicos, é possível perceber a amplitude de comunicação, conexões e ações entre pessoas de diferentes partes do mundo. O que, inevitavelmente, promove novos modos de “agrupamento”, outras formas de organizar a vida social.

O exemplo mais comum, para ilustrar o que dizemos é a presença do computador em nossa vida diária. Em todos os lugares que a população necessita frequentar, bancos, supermercados, farmácias, ele já está instalado, em todos os sentidos da palavra: disposto para funcionar, com cargo” garantido, bem acomodado e alojado. Em nossas casas, o rompimento de fronteiras espaço-temporais promovido pelo computador é bem visível, porque podemos acessar a “internet” e estarmos em vários lugares, ao mesmo tempo. Obviamente, este recurso passou a ser utilizado como meio de pesquisa e estudos científicos, em qualquer nível de escolaridade, promovendo um distanciamento entre seus usuários e aqueles que dele não fazem uso.

Entretanto, o lado negativo não pode deixar de ser observado pois, ao pretender “globalizar” o que salta aos nossos olhos é o poder do capital, sugerido por Marx na virada do século XX, traduzido anteriormente em Oligarquia Financeira, composta pelos países ricos; encontra-se “personalizado” em Fundo Monetário Internacional (FMI), sem local ou fronteira, sem delimitações ou barreiras, em pleno século XXI. O que, além de estrategicamente subjugar os dependentes dele a um modo de operar em escala mundial, estabelece como tática para sua sobrevivência a prática do consumo excessivo de produtos lançados no mercado.

Este cenário, a princípio, parece contribuir para a desintegração das identidades nacionais, porém acaba reforçando as identidades locais, despertando a fascinação pela diferença, pela própria mercantilização da etnia e pela alteridade. Neste sentido, as identidades culturais passam a representar a mistura dos recursos de diferentes tradições e traduzem este entrecruzamento marcado pela história,

pela política e demais manifestações do que é tipicamente humano. Neste contexto, emerge o “sujeito da pós-modernidade”, caracterizado por uma identidade híbrida, fruto de inúmeras influências que demonstram um constante movimento de mútuas interferências e impossibilitam a permanência do que é fixo e estático.

### **Auto-estima como resposta à demanda da Educação**

O desafio da Pós-Modernidade para a Educação tem exigido dos educadores uma pausa para a reflexão sobre as novas configurações que se apresentam no cotidiano: a família possível, os projetos realmente interativos, as necessárias equipes multiprofissionais para traçar as estratégias de ações educativas. Combinando o possível, o real e o necessário, podemos perceber a importância da Educação e sua presença no Desenvolvimento Humano. Este processo, que tem dinâmica própria, está atravessado pelos contextos sócio-históricos vividos, caracterizando a coexistência do que é singular e coletivo em um só tempo

À medida que a criança se desenvolve, ela vai tendo uma percepção de si mesma. Inicialmente suas impressões advêm das reações dos outros, do que manifestam sobre ela: Como é “espertinha”! Olha que “bonitinho” ela faz ! São expressões, por exemplo, que demonstram uma valorização positiva. Aos poucos, a impressão de si mesma vai se juntando o sentimento; ou seja, a pessoa começa a entender que se sente bem quando alguém diz que ela é “espertinha”. E, como isso é bom para ela, lhe dá prazer, procura ser “espertinha” nas coisas que faz. Quando amplia seu universo de experiências, com companheiros, vizinhos, professores, além dos pais, suas habilidades de percepção vão se aprimorando, permitindo uma avaliação por si mesma (não mais somente pelos outros) e o surgimento de um senso de dignidade interior. Em uma palavra, o desenvolvimento da auto-estima.

Assim, a auto-estima é algo que acontece nas pessoas, e se define como o sentimento de gostar de si mesmo. Diferente de auto-conceito, que refere-se a noção ou idéia que faço de mim; e auto-imagem que diz respeito à como me vejo. Ela vai sendo construída ao longo do Desenvolvimento e por conta de sua amplitude de interferências tem sido um dos temas debatidos nos ambientes educativos, na atualidade. Porque, por um lado alimenta a criatividade e a inventividade; por outro,

permite desvendar sentimentos da pessoa sobre ela mesma: orgulhar-se de seus empreendimentos, demonstrar suas emoções, respeitar-se, reconhecer os próprios talentos, investir em seus objetivos, promovendo um agir de maneira independente, com autonomia.

Este sentir-se digno, gostar de si mesmo, acreditar em suas potencialidades, interfere no enfrentamento e na busca de soluções para situações-problema, inclusive encorajando o sujeito a ter iniciativa e ser criativo.

*Independentemente de idade, sexo, formação cultural ou instrução e trabalho, todos precisam ter auto-estima, pois esta afeta praticamente todos os aspectos da vida, ... as pessoas que se sentem bem consigo mesmas sentem-se bem a respeito da vida. Estão aptas a enfrentar e solucionar os desafios e responsabilidades com confiança.*

*(Clark; Clemes; Bean , 1995, p. 15)*

A partir das considerações tecidas, vamos nos remeter agora ao ambiente escolar propriamente dito, como uma delimitação de campo a ser pensado, tendo como foco de atenção a relação professor — aluno. É, evidentemente, possível constatar a relevância do papel do professor no sentido de estimular o aluno a descobrir suas potencialidades, encorajando-o a acreditar que é capaz de realizar algo que pretende, instigando-o a ousar. Mas, para que isto ocorra, é necessário que o professor mostre, através de suas ações, que confia em si mesmo (como alguém dotado de capacidades) e que acredita no potencial do aluno. Deste modo, ele poderá demonstrar, na prática, a importância de sua figura no próprio desenvolvimento do aluno. E, o aluno, por sua vez, a interferência que promove no desenvolvimento do professor. Nesta perspectiva, investir no trabalho com a auto-estima emerge como uma das respostas possíveis para a demanda da Educação na Pós-Modernidade, pois desperta valores humanos que podem estar adormecidos pela turbulência do cotidiano.

Tendo estabelecido a dialógica construtiva presente na relação professor — aluno, vamos estreitar ainda mais os limites do nosso olhar e nos voltarmos ao aluno surdo e seu professor. Ao compreendermos as especificidades, sem nos atermos a classificações preconcebidas, temos condições de reconhecer diferenças

como propriedades, e não como dificuldades. Além disso, podemos identificar peculiaridades, que exigem o respeito ao seu reconhecimento e a busca de estratégias apropriadas ao contexto, em vez de ficarmos presos a predeterminações ou leis gerais que pretendem universalizar padrões estabelecidos, sem considerar os critérios de diversidade.

Em resumo, se fizermos o caminho inverso do texto apresentado, ou seja, partirmos do surdo para chegar às discussões trazidas pela Pós- Modernidade, veremos que sua identidade é híbrida como a de qualquer sujeito que vive o “comportamento selvagem” sugerido pelo consumismo gerado pela Globalização e é usuário dos avanços tecnológicos. Do mesmo modo que traz consigo a riqueza da convergência das diversas culturas que constituem sua individualidade. Assim, contextualizado e em desenvolvimento, é fundamental que seja trabalhada sua auto-estima antes que ele se desacredite, antes que ele se cale.

## REFERÊNCIAS

BATTLE, J. Self-esteem: the new revolution. Edmonton: Alberta James Battle & Associates, 1990.

BHATTI et ai. Association between child maltreatment **and** self-esteem. Berkeley: Cambridge , University Press, 1989.

BR.ANDÃO, C. R. Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CLARK, A.; CLEMES, E.; BEAN, R. Adolescentes seguros: como aumentar a auto-estima dos jovens. São Paulo: Gente, 1995.

CORRIEA, V. Globalização e neoliberalismo: o que isso tem a ver com o professor? Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

ERIKSON, E. Identidade e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FEATHERSTONE, M. A globalização da complexidade. Pós-modernismo e cultura de consumo. Rev. Bras. de Ciências Sociais, n.32, ano 11, out.1996. p. 105-124.

GIDDENS, A. The consequences of modernity. Cambridge: Polity Press, 1990,

HÁLL, 5. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

McGREW, A. A global society. In: HALL, 5. et ai. (org.). Modernity and its futures. Cambridge: Polity Press / Open University Press, 1992. p. 61-116.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez. 2000.

MOYSÉS, L. A auto-estima se constrói passo a passo. Campinas: Papirus, 2001.

SILVA, T. T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WALZ, O.; BLEUER, J. Student self-esteem: a vital element of school success. Greensboro: Eric Counseling and Personnel Services, 1992.

### **POSSÍVEIS DESTAQUES DO TEXTO**

**... para o desafio posto pela Pós-Modernidade à Educação, uma possível alternativa de resposta poderia estar vinculada à auto-estima.**

**...avanços nas ciências humanas que marcaram a modernidade, precisam ser lembradas, porque despertaram novos olhares acerca dos estudos sobre identidade...**

**...emerge o “sujeito da pós-modernidade”, caracterizado por uma identidade híbrida, fruto de inúmeras influências que demonstram um constante movimento de mútuas interferências e impossibilitam a permanência do que é**

**fixo e estático.**

**...Ao compreendermos as especificidades, sem nos atamos a classificações preconcebidas, temos condições de reconhecer diferenças como propriedades, e não como dificuldades.**

**...se partirmos do surdo para chegar às discussões trazidas pela Pós-Modernidade, veremos que sua identidade é híbrida como a de qualquer sujeito que vive o “comportamento selvagem” sugerido pelo consumismo gerado pela Globalização e é usuário dos avanços tecnológicos.**